

internacional

internacional@jornalcomercio.com.br

Trump diz que Ormuz não terá pedágio; Irã fala em cobrança

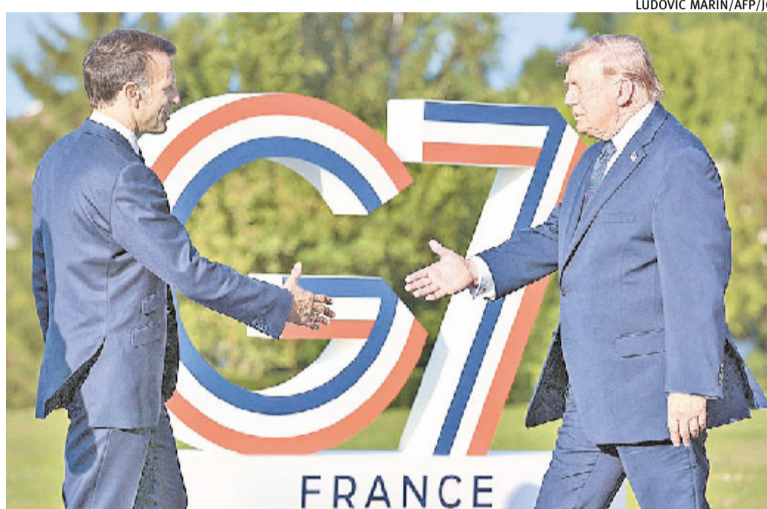
EUA prometeu divulgar memorando de entendimento 'em breve'

/ ORIENTE MÉDIO

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou ontem que a passagem pelo Estreito de Ormuz já está ocorrendo em corredores e que será gratuita para todos os navios. "Tivemos uma pequena discussão sobre isso. É 'toll-free'", disse o republicano, usando o termo em inglês para passagem sem pedágio. Ainda segundo ele, a reabertura completa da passagem marítima depende da retirada das minas iranianas. Mais cedo, no entanto, o Ministério das Relações Exteriores do Irã afirmou que o acordo com os EUA prevê que Teerã cobrará taxas de serviços marítimos dos navios que transitarem pela via navegável.

"Sempre afirmamos que não pretendemos cobrar pedágios de trânsito, mas serão cobradas taxas por serviços de navegação, proteção ambiental, seguro de navios e outros serviços necessários", afirmou o porta-voz do ministério. A pasta também disse que o Irã ainda nutre uma "profunda desconfiança" em relação aos EUA, apesar da promessa de acordo.

Após encontro com o presidente francês, Emmanuel Macron, durante a reunião do G7, Trump disse que provavelmente não estará em Genebra na sexta-feira para a assinatura formal do acordo com o Irã. "J. D. Vance vai lá especificamente por vocês", disse, referindo-se ao vice-presidente que representará Washington



Em encontro com Macron, Trump disse que não irá à Genebra na sexta

na cerimônia.

Numa declaração conjunta divulgada mais cedo, líderes de França, Reino Unido, Alemanha, Japão e Itália exigiam "reabertura imediata e incondicional" de Ormuz. O otimismo de Trump, porém, contrasta com declarações contraditórias de outras autoridades americanas.

Segundo o jornal The New York Times, enquanto o presidente afirmou que o estreito estaria completamente aberto até sexta-feira, um alto funcionário do governo disse a jornalistas que o tráfego marítimo normal só deve ser retomado em duas semanas. Em seguida, outro funcionário norte-americano, na mesma coletiva, voltou a afirmar que o estreito estaria totalmente aberto na sexta.

Sobre uma possível missão naval de apoio, Trump disse não

acreditar que será necessária, mas não descartou a presença de "um navio ou dois" de países aliados como medida preventiva --e elogiou a França diretamente. Mais cedo, França e Reino Unido já haviam anunciado disposição para contribuir com operação defensiva na região, incluindo ajuda na retirada das minas.

O republicano prometeu ainda divulgar o texto do memorando de entendimento "em breve", provavelmente após a sexta. Fez questão de distingui-lo do acordo nuclear firmado sob Barack Obama.

Sobre sanções ao Irã, descartou alívio imediato: "Eles têm que fazer a parte deles". Trump também sinalizou disposição para pressionar por um cessar-fogo no Líbano. "Parece que nunca acaba. E não deveria ser difícil", disse.

Netanyahu afirma que Israel continuará em alerta

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, disse que a "luta não acabou" contra o Irã, após um acordo de paz ser fechado entre o país persa e os EUA. "Teremos que continuar em guarda e nos defendendo sempre que necessário" enfatizou. Em sua primeira coletiva de imprensa após o anúncio da trégua, Netanyahu reiterou que Teerã nunca terá armas nucleares. "Salvamos o Estado de Israel da ameaça de aniquilação nuclear, porque o Irã avançava a toda velocidade em direção à energia nuclear", frisou.

Segundo ele, acordos precisam ser acompanhados de ameaças militares e Israel causou um

dano imenso à economia iranianas. Perguntado sobre sua relação com o presidente americano, Donald Trump, o primeiro-ministro respondeu que às vezes ele e o republicano discordam, mas que isso "faz parte".

Sobre o Líbano, Netanyahu comentou que Israel ficará na zona de segurança libanesa pelo "tempo que for necessário" e também nas zonas tampão da Faixa de Gaza e da Síria. Netanyahu ainda afirmou que planeja concorrer novamente nas próximas eleições e que "vai vencer".

O ministro da Segurança Nacional de Israel, Itamar Ben-Gvir, e o ministro da Defesa, Israel Katz,

afirmaram que Israel não se retirará de nenhum território que tenha conquistado, após o anúncio do acordo de paz entre os EUA e o Irã, que prevê o fim das hostilidades, inclusive no Líbano.

"O acordo de Trump não nos vincula. Israel não está subordinado aos EUA; somos um Estado independente e soberano", escreveu Ben-Gvir em postagem no X. "Não devemos nos retirar de nenhum território que nossos combatentes tenham ocupado e limpo da infraestrutura terrorista", acrescentou. Ele ressaltou ainda que Israel "ama" os EUA e é grato a Trump, mas que Tel-Aviv não é "uma república de bananas".

Acordo EUA-Irã será assinado na próxima sexta-feira em Genebra

O vice-presidente dos Estados Unidos, JD Vance, afirmou ontem que o acordo negociado entre Washington e Teerã dará aos americanos poder de fiscalização sobre o programa nuclear iraniano e contará com um mecanismo de verificação em duas etapas, embora ainda existam pontos pendentes nas negociações.

Em entrevista à CNBC, Vance disse que o entendimento representa um avanço importante para monitorar as atividades nucleares do Irã. "O acordo dá aos EUA poder de fiscalização sobre o programa nuclear iraniano", afirmou.

Segundo ele, o texto final ainda depende de definições adicionais e será preciso observar "até onde Teerã estará disposta a fazer concessões". O vice-presidente dos EUA informou que o governo espera divulgar o texto do acordo ainda nesta semana e disse que a cerimônia de assinatura prevista para sex-

ta-feira deverá reunir representantes de "todo o espectro" do poder iraniano, incluindo integrantes do governo, das Forças Armadas e da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC, na sigla em inglês).

Vance afirmou ainda que já há sinais de normalização no Estreito de Ormuz após o anúncio do entendimento entre EUA e Irã. Segundo ele, o tráfego marítimo na região está aumentando e a expectativa de Washington é que a rota permaneça aberta de forma duradoura. "Esperamos que o Estreito de Ormuz permaneça aberto e sem cobrança de pedágio no longo prazo", declarou.

Questionado sobre a reação de Israel ao acordo, Vance disse que há setores do país favoráveis ao entendimento e ressaltou que o aliado americano continuará participando das discussões sobre a reorganização geopolítica da região. "Certamente Israel terá um lugar à mesa no novo Oriente Médio", afirmou.

Ucrânia abre negociações para entrar na UE e deve ter reformas políticas

/ GUERRA DA UCRÂNIA

A Ucrânia abriu oficialmente as negociações para adesão à União Europeia (UE), dando início a um processo que exigirá que Kiev se comprometa com anos de reformas políticas, mesmo enquanto continua a combater a invasão da Rússia. O vice-primeiro-ministro ucraniano, Taras Kachka, deve participar de uma chamada conferência intergovernamental em Luxemburgo, para abrir as conversas sobre um primeiro grupo de áreas de política pública que ajudará Kiev a se alinhar às leis, normas e valores do bloco europeu.

A Ucrânia vê a adesão à UE como uma "garantia de segurança" para um futuro estável quando a guerra contra Moscou terminar. A melhor garantia seria a adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), mas o governo do presidente dos EUA, Donald Trump, insiste que isso não pode acontecer, e outros têm receio de que o país entre enquanto os combates continuarem.

A Moldávia também deve iniciar oficialmente suas negociações de adesão. A Rússia há muito tenta manter o país em sua órbita e, no ano passado, foi acusada de

conduzir uma grande campanha de desinformação, impulsionada por inteligência artificial, durante as eleições.

Enquanto isso, ao menos 11 pessoas morreram na Ucrânia em um novo ataque russo em larga escala na madrugada desta segunda-feira, especialmente intenso sobre Kiev, onde o mosteiro Kyiv Pechersk Lavra, símbolo da história cultural ucraniana, pegou fogo. Os novos ataques ocorreram após o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky afirmar no domingo que havia conversado com o presidente dos EUA, Donald Trump, e discutido esforços para alcançar o fim do conflito de mais de quatro anos, antes de uma reunião do G7 na França esta semana.

Em Kiev, os bombardeios russos atingiram vários bairros da cidade e provocaram pelo menos cinco mortes, segundo as autoridades, que também anunciaram 34 feridos. Outras cinco pessoas, quatro integrantes dos serviços estatais de emergência e um funcionário do governo municipal, morreram na cidade de Kharkiv, nordeste do país, segundo o ministro do Interior, Igor Klimenko. Uma pessoa morreu em Kherson, no Sul.